

CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO: RELACIONANDO COM O LETRAMENTO

Eixo temático: Educação escolar e diversidade

Aline Duque da Costa

[Universidade Federal Rural de Pernambuco- UAG]

[aline_duquecosta@hotmail.com]

Camila Roberta de Holanda Araújo

[Universidade Federal Rural de Pernambuco- UAG]

[camilaholanda27@gmail.com]

Resumo: O presente artigo propõe como objetivo geral discutir as concepções de alfabetização e letramento e, especificamente, objetivamos entender a diferença entre essas duas concepções e mostrar o desempenho mais eficaz do ensino quando estas permeiam a prática pedagógica de maneira articulada. O procedimento metodológico foi desenvolvido através de uma entrevista realizada com três professoras da rede de ensino privado. Optamos por essa metodologia visto que, tratando de uma pesquisa bibliográfica, entenderíamos as concepções de ensino das docentes sobre o assunto discutido. Estas, por sua vez, seriam questionadas sobre o que entendem por cada concepção e a maneira de como alfabetizam e/ou letram os seus alunos. No decorrer do artigo, o leitor identificará a ideia central do conceito de alfabetização e letramento e como estes são vistos pelas professoras em questão. De acordo com a pesquisa realizada percebemos que duas das professoras entrevistadas, a 1 e 3, diferenciam bem as concepções de alfabetização e letramento, entretanto a professora 2 parece estar um pouco confusa a respeito da diferença entre as duas. Como resultados, trazemos a importância do embasamento teórico vinculado à experiência de trabalho, sendo estes dois aspectos tidos como fundamentais para um processo rico de ensino-aprendizagem. Portanto, alfabetizar no sentido de oferecer ao aluno a chance de ler o mundo, possibilita a este uma formação voltada para o seu cotidiano, garantindo uma melhor compreensão do meio e da sociedade a qual estão inseridos.

Palavras chaves: Alfabetização. Letramento. Leitura e Escrita.

1. INTRODUÇÃO

Diferentemente do que era proposto em tempos atrás, o processo de alfabetização não se dá apenas no código, no ensino limitado da leitura e da escrita. É necessário mostrar a

diferença entre esses dois aspectos que, apesar de terem significados distintos, são fundamentais para um ato completo e eficaz no alfabetizar.

Hoje, a proposta indicada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é interligar os dois processos: Alfabetização e Letramento (BRASIL,1998). O primeiro trata-se do ensino de leitura e escrita, o segundo refere-se à importância da linguagem nas práticas sociais. A partir disso, nota-se a importância de proporcionar aos alunos a reflexão crítica sobre o ato de ler e escrever, apresentar o uso destes nas diversas situações sociais, ou seja, a importância de se alfabetizar letrando.

Temos como objetivo, através desse artigo, discutir a respeito dos conceitos de alfabetização e letramento, aprofundá-los mostrando a diferença entre eles e (comprovar) a eficácia do ensino quando essas duas concepções são interligadas. Fizemos entrevista com três professoras da rede de ensino privada na tentativa de saber como se constitui essas concepções nas práticas escolares e, junto com o embasamento teórico, passaremos para o leitor o objetivo do nosso artigo.

Nos propomos a elaborar esse artigo visto a importância crucial desse processo de ensino, sendo a fase da alfabetização e do letramento a base para uma vida escolar dotada de sucesso.

O letramento, por sua vez, carrega um grande significado nessa fase de alfabetização das crianças, esse contribui para que a decodificação das palavras não se configurem como algo acabado, mas que esta seja interpretada, refletida, questionada. Nesse sentido, o sociointeracionismo trata dessa questão reconhecendo que

É um pressuposto essencial do sociointeracionismo o fato de que os sentidos não existem por si sós; na verdade, os sentidos constroem-se na interação verbal e são, portanto, resultado das condições de produção dos discursos: quem diz o que, para quem, em que situação, através de que gênero textual, com que propósito comunicativo e com que escolhas lingüísticas e extralingüísticas (MENDONÇA, 2005).

É importante lembrar que o processo de letramento antecede o processo de alfabetização, a visão de mundo dar-se de modo mais abrangente, na qual mesmo não sabendo ler e escrever de maneira convencional, a criança interpreta o mundo e a sociedade que a rodeia a partir de seus conhecimentos prévios, a partir de sua cultura. Por isso a importância de trazer a realidade das crianças para dentro da sala de aula, ainda que no processo de alfabetização. O ato de aprender a ler e escrever não deve resumir-se somente à decodificação de palavras, esse processo deve ir além disso, construindo no aprendiz a capacidade de questionar e questionar-

se. Cabe ao professor essa tarefa de edificar, em seus alunos, o hábito de pensar e raciocinar sobre os fenômenos.

Percebemos então que, apesar de várias discussões sobre o ato de alfabetizar, muitos de nossos professores não levam em consideração o letramento ou praticam apenas este último esquecendo de mediar o código de escrita alfabética. Algumas práticas tradicionais utilizam o $B+A=BA$, sem fazer com que as palavras ganhem sentido na vida da criança. Não estamos aqui querendo criticar o método tradicional de forma a torná-lo um vilão da leitura e escrita, este método tem seus aspectos positivos, porém de acordo com as mudanças da sociedade, as práticas pedagógicas de leitura e escritas devem mudar também, adaptando-se ao contexto atual.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Alfabetização: quais os métodos eficazes para desenvolvê-la?

Alfabetizar trata-se do domínio de um conjunto de técnicas que capacita o aluno a ler e escrever com excelência.

O processo de ensino da leitura e escrita é fundamental para todas as áreas do conhecimento. No alfabetizar, ensina-se a apropriação do sistema de escrita alfabética, a relação entre os sons e a escrita.

Para que o aluno possa desempenhar uma compreensão eficiente sobre essas práticas, o professor tem que proporcioná-los algumas habilidades que facilitem esse processo como, por exemplo, desenvolver leituras coletivas e individuais dos mais diversos tipos de textos e realizar interpretações. Textos com linguagem variada e da literatura, vai possibilitar os alunos a explorarem as dimensões da imaginação e facilitar o processo da leitura. Proporcionar a escrita de frases e o sentido delas vão fazer com que o aluno realize uma prática de escrita diária. Quando o papel do docente não é bem realizado, os discentes vão sofrer consequências por toda sua vida escolar.

Utilizou-se, por muito tempo, livros didáticos que inicialmente ensinava as letras e só depois a leitura com a união das mesmas. Ocorreu, então, que a maioria dos alunos passou a decodificar o que estava lendo, porém, em muitos casos, não entendia o contexto da leitura. Logo, o processo de alfabetizar desencadeia-se em codificar e decodificar elementos da linguagem.

De acordo com Morais (2012), a teoria da Psicogênese criada por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky trouxe grandes contribuições para que métodos tradicionais de ensino pudessem

ser superados. Nessa teoria, procura-se discutir sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), sendo a escrita alfabética um sistema notacional e não um código.

Quando a escrita alfabética é tratada como um código, dar-se a impressão que todo o material para desenvolver a leitura e escrita está pronto e acabado e basta o aprendiz memorizar. Porém, o processo de aquisição da linguagem e escrita não se processa de maneira tão simples. Segundo Moraes (2012). “(...) a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas, sim, se apropriar de um sistema notacional”. Percebemos então que o aluno não irá receber um “código” pronto e memorizá-lo, ele terá que “notar” como o percurso de leitura e escrita vai se desenvolver.

Cada criança, adolescente ou adulto internaliza o processo de alfabetização de uma maneira diferente, eles ainda não entendem como as letras e os sons se articulam e funcionam, ou, entendem de uma forma diferente de quem já é alfabetizado (MORAIS,2008). Nessa perspectiva, a repetição e memorização não faz sentido para o educando, ele precisa parar, pensar e refletir sobre o sistema de escrita. Assim, esse processo não vai se desenvolver da noite para o dia, precisa-se de um tempo, respeitando as singularidades de cada educando. Para fundamentar nossa discussão, Moraes afirma que

A perspectiva evolutiva adotada pela teoria da psicogênese pressupõe que, para dominar o SEA, a criança (ou jovem ou adulto alfabetizando) precisa “desvendar a esfinge”, compreendendo as propriedades do alfabeto como um sistema notacioanal (MORAIS,2008).

Desenvolver leituras coletivas e individuais dos mais diversos tipos de textos e realizar interpretações, textos com linguagem variada e da literatura, vai possibilitar os alunos a explorar as dimensões da imaginação e facilitar o processo da leitura. Proporcionar a escrita de frases e o sentido delas vão fazer com que o aluno realize uma prática de escrita diária.

Para que seja realizado um processo alfabetizador de maneira significativa, o professor deve desenvolver atividades para que o aluno entenda que a pauta sonora é representada graficamente pela escrita. Quando o professor tem essa concepção formada pode avaliar o nível alfabético que seus alunos se encontram podendo, então, propor desafios para que os discentes avancem.

Sendo a alfabetização um processo elementar para a vida na sociedade, essa propõe que o aluno desempenhe diversas práticas sociais. Assim, entendemos que a alfabetização se trata de um conhecimento inicial e básico na aquisição de leitura e escrita. Mas, esse conceito mudou e não cabe mais a ele apenas a função de codificação e decodificação de palavras. Nesse sentido, Araújo e Brito (s/d), ressaltam que

A alfabetização é uma temática cada vez mais pertinente nos debates na área da pesquisa educacional, considerada como um objeto de estudo complexo, porém de grande interesse, tendo em vista a intensa necessidade de melhorias na prática de alfabetização, superação do fracasso escolar nos primeiros anos de escolarização e da necessidade de compreensão sobre o processo de aquisição da língua escrita (ARAÚJO e BRITO, s/d).

Nessa perspectiva, pretendemos salientar, nesse artigo, a importância das duas concepções de ensino, o qual se apresentam como fundamentais quando mediadas de forma a desenvolver os alunos e dar-lhes a capacidade de ler as palavras e o mundo.

2.2 Letramento: uma nova alfabetização ou um complemento para alfabetizar?

Não há sentido em obter um conhecimento e não saber usá-lo. Não é significativo entender o SEA e não associá-lo ao cotidiano do aluno. Visando a necessidade de atrelar o conhecimento adquirido em sala de aula com a vida dos educandos, discutiremos agora sobre uma prática recente que vem desmistificando a concepção tradicional do aprender: o letramento.

Letramento é um conceito recente que surgiu da necessidade de utilizar a leitura e a escrita para representar comportamentos e práticas sociais. Estas tornaram-se cada vez mais dependentes da linguagem oral e escrita e, a partir daí, notou-se ser insuficiente apenas a alfabetização tradicional. Com isso, foi percebida a necessidade dessa nova dimensão.

Letrar é preparar a leitura e a escrita para que os alunos possam utilizá-las de modo adequado fora do ambiente escolar.

A função social da linguagem deve ser trabalhada dentro de sala de aula, mostrando a importância desta tanto na escrita quanto na fala. Através da mesma, são exercidas as comunicações, expressões, interpretações e realizações de discursos. Segundo Araújo e Brito (s/d):

O conceito de letramento amplia-se no sentido de levar em consideração o desenvolvimento do processo, ou seja, trata-se da utilização da escrita no cotidiano dos indivíduos, através das diversas práticas sociais, considerado um conceito de natureza complexo (ARAÚJO e BRITO, s/d).

Percebemos então, a partir dessa fala, que o letramento ultrapassa a decodificação do código da linguagem. O enfoque real é o uso desta para a vida dos alunos.

Soares (2008, p. 15) defende que a alfabetização é, também, a aquisição das habilidades de leitura e escrita. O conceito de decodificação foi ultrapassado e a alfabetização não é mais

uma questão de unir letras sem que entenda a verdadeira função que cada uma das palavras formadas estabelecem.

É sempre importante salientar que aqui não se discute críticas a respeito da alfabetização e do letramento, mas sim do comprometimento que cada uma delas pode causar caso seja trabalhada de maneira isolada. O letramento surgiu e trouxe com ele uma falsa concepção sobre a alfabetização quando, na verdade, o desígnio consiste em trabalhá-lo junto a ela permitindo que o processo de leitura e escrita ganhe reais significados. Por essa razão, trazemos Morais (2006) que ressalta a necessidade de discutir as práticas escolares e extraescolares:

Entendemos que a descoberta dos estudos do campo do letramento também contribuiu para que passássemos a examinar, cada vez mais, práticas escolares e extra-escolares de leitura e produção de textos, [...] Interpretamos que, mesmo no campo das pesquisas da alfabetização, certo encanto com os fenômenos do letramento levou pesquisadores a investir menos no estudo da aprendizagem da escrita alfabética (MORAIS, 2006).

Seguindo essa linha de pensamento, procuramos aqui retratar a importância, também, da codificação e decodificação de palavras, o quanto esse processo é fundamental para que se inicie a interpretação daquilo que está sendo lido e escrito.

Por serem dois conceitos distintos podemos obter um número de pessoas analfabetas, porém letradas. Não é preciso ter se apropriado do SEA para ser letrada. Segundo Albuquerque (2007)

Sabemos que um sujeito que não domina a escrita alfabética, seja criança, seja adulto, envolve-se em práticas de leitura e escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada, e nessas práticas desenvolve uma série de conhecimentos sobre os gêneros que circulam na sociedade (ALBUQUERQUE, 2007, p. 17).

Portanto, a leitura de mundo adquirida por uma pessoa antecede a aquisição da linguagem e escrita; e esta prática de leitura deve ser estimulada fora e dentro do âmbito escolar, pois é a partir dela que o sujeito que aprende vai construir o hábito de interpretação sobre tudo que o rodeia. O hábito de ler possibilita ao aluno um mundo de conhecimentos que o auxiliará não só dentro da escola, mas tampouco fora dela.

2.3 Metodologia

Realizamos uma pesquisa bibliográfica que, segundo Severino (2013), nesse tipo de pesquisa é utilizado pesquisas anteriores, livros e documentos que vão dar suporte para discutir o tema proposto, ou seja “ Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados” (SEVERINO,2013). Nossa abordagem aproxima-se de uma abordagem qualitativa, visto que os instrumentos de pesquisa usados para coleta de dados são característicos da mesma. Segundo Ludke e André, “os dados coletados são predominantemente descritivos” (2012), ou seja, nós estamos fazendo a análise do discurso de pessoas. Utilizamos a entrevista semiestruturada como forma de coletar informações sobre o assunto tratado, podendo então, durante o diálogo, surgir novos questionamentos e novas indagações.

Portanto, realizamos entrevista com três professoras alfabetizadoras, ambas de redes privadas, porém de instituições diferentes. A entrevista foi constituída de cinco questões, com o objetivo de vermos a concepção de alfabetização e letramento das docentes. Aqui, iremos nos referir a elas como professora 1, 2 e 3.

2.4 Resultados e Discussões

De acordo com o questionário respondido, pode-se perceber que apenas uma delas é graduada em pedagogia e esta mesma tem um tempo mais curto de carreira. As outras duas professoras, uma com magistério e outra graduada em letras, possuem mais de 10 anos como professora de alfabetização.

Levando em consideração esses dados, percebe-se que pode ter havido uma acomodação da parte das professoras com maior tempo de carreira. O que ocorre é que muitas vezes, por estarem tendo resultados positivos em sala de aula, as docentes não têm a preocupação de aperfeiçoarem seus conhecimentos ou buscarem novos, o que leva muitas vezes a essas professoras repetir o mesmo método de ensino, sem renovarem suas aulas. Porém, deve-se levar em consideração que a prática dentro de sala de aula é de grande importância, não basta apenas um bom domínio no conteúdo.

Foi perguntado qual o objetivo de alfabetizar, as duas primeiras professoras fizeram referência à interpretação de mundo. De forma concisa e vaga o objetivo nos foi repassado. A professora um, que possui graduação em pedagogia, foi direto ao foco da pergunta. Ela nos respondeu: “*Primeiramente né, prepará-la para o mundo, né?*”. Nota-se, então, a falta do desenvolver da resposta, a ausência do embasamento teórico da docente.

Com a mesma conclusão, porém de forma diferenciada, a professora número 2 prolongou sua resposta falando:

É... pra mim, é importante eles aprenderem a ler porque vão descobrir as coisas belas que estão ao redor deles, porque as vezes uma simples palavra, uma palavra BOLA, aí você dá a gravura da bola, mas ele não sabe ler, ele só sabe ler pela gravura, mas a partir do momento que ele aprende a palavra bola, ele ali ele constrói frases, você faz um ditado, você faz uma produção de texto. Então, a partir de uma palavra simples pra gente, mas pra eles é tudo (PROFESSORA 2, 2013)

A professora nos relata que o objetivo é a interpretação do mundo, das coisas que nos rodeiam. Talvez, por falta de embasamento teórico e de segurança na fala a resposta da docente é apresentada de forma confusa. Percebe-se que no desenrolar da resposta a professora, provavelmente, apresenta métodos que utiliza no seu dia-a-dia. Procuramos interpretar o que foi relatado pela mesma e chegamos à conclusão que a docente objetiva a alfabetização como um preparativo para produzir e interpretar o que se escreve, colocando o foco em alfabetizar e não em letrar.

A professora 3, graduada em letras, coloca sua fala de maneira formal e traz o objetivo da alfabetização de forma diferenciada. A mesma se posiciona da seguinte forma : *“Desenvolver capacidades como: ampliar relações na interação com outras crianças e adultos, se expressar das mais variadas formas utilizando diferentes linguagens para se comunicar.”*

Entende-se, pelo o que foi respondido, que a docente trata da alfabetização como meio fundamental para a socialização. Segundo essa professora, a alfabetização é importante para relações dentro e fora do âmbito escolar. É relatado também a aquisição de diversas formas de linguagens, ou seja, variações linguísticas, tendo esta a finalidade da comunicação.

Percebe-se que as professoras entendem o objetivo do alfabetizar, porém não de forma teórica, em algumas das falas é perceptível a colocação de entendimento próprio, a interferência do saber por meio da experiência. Contudo, o que nos foi relatado, das três professoras, o objetivo foi repassado. A alfabetização tem como objetivo desenvolver nas crianças a aquisição do código, produzir a prática de leitura e escrita. Com isso, prepará-la para o mundo, para a interpretação do mesmo, a socialização dentro e fora da escola, pois a o código é fundamental para a comunicação.

Colocamos em questão ainda a concepção de alfabetização que as professoras entrevistadas possuíam. Ao levantarmos a questão, todas as professoras nos relataram que o alfabetizar é ensinar a leitura e escrita às crianças. Elas mostraram que é a partir da aquisição dessas práticas que os alunos vão poder se comunicar e interagir com outras pessoas.

As professoras responderam o que geralmente é esperado quando se pergunta sobre concepção de alfabetização. De modo geral, alfabetizar é ensinar o código da comunicação, é

o ensinar a ler e a escrever. Novamente faltou desenvolver as respostas, iremos mostrar o relato de uma das professoras, a professora 1, a fim de provar a forma concisa de responder. Segundo ela: *“Alfabetização é o ato de ensinar a criança a ler e a escrever.”*

Para saber se as docentes entendem a diferença entre alfabetização e letramento, proporcionamos a elas a seguinte pergunta: O que você entende por letramento?

Sentimos falta de preparo e de entendimento por parte da professora dois, o que nos leva a perceber que, nela, a falta de graduação e especialização deixa a desejar nesse entendimento. Fizemos um recorte de sua fala onde ela diz: *“É, eu acho assim, é... a partir do momento que eles aprendem o alfabeto, todas as letras começam a juntar quando eles conhecem. Às vezes você diz assim: uma vogal, quando você junta uma vogal com outra, o que surge? Um encontro vocálico (...).”*

Nota-se a total desconexão com a real concepção de letramento, o que nos leva a perceber que ela não sabe do que se trata. Porém, as outras duas professoras, a 1 e a 3, conseguem responder que concepção é essa. Segundo elas, letramento é a leitura de mundo, é ensinar os alunos a interpretar o que se ler e o que se escreve.

É importante destacar que as professoras entendem o conceito de alfabetização e letramento, com exceção da professora 2. Por suas falas, elas mostram que um aluno pode ser alfabetizado e não letrado. E, este último, será adquirido quando os alunos passarem a entender e interpretar as leituras, suas produções.

Perguntou-se a respeito das práticas pedagógicas, quais elas utilizavam para trabalhar alfabetização e letramento. A professora 1 respondeu que ela alfabetiza e letra através do lúdico, e mostra que dessa maneira é mais fácil desenvolver habilidades nos alunos. Já a professora 2, como já foi mencionado anteriormente, ela não possui concepção de letramento, então suas práticas mencionadas fizeram referência apenas à alfabetização. Em sua fala é retratado:

O que eu uso sempre? Eu, a gente trabalha muito o tradicional, isso eu não vou mentir porque você... se você trabalhar só o construtivismo muitos não acompanham. Então o que é que a gente faz? Trabalhamos o tradicional e o construtivismo. Eu começo com as vogais, famílias, sílabas, e aproveito esses textozinhos, produção de texto. Se você pegar uma historinha mais fácil você pode mandar ele procurar naquele texto uma palavrinha com “b”, entendeu? Ai você aproveita o alfabeto dentro do texto (PROFESSORA 2, 2013)

A docente cita teorias da aprendizagem, e assume que o foco principal é o tradicionalismo. Porém, sua prática, fica evidente, é exclusivamente voltada para alfabetizar seus alunos.

A terceira professora faz uma pequena referência de suas práticas educativas sem desenvolver e mostrar o porquê desse uso, ela diz: *“Leituras, debates, cópia, pesquisa, ditado, cartazes, histórias, jogos, cruzadinhas, textos coletivos, atividades de culinária, jornal, alfabeto móvel, etc.”*.

As práticas desempenhadas pelas docentes facilitam o desenrolar no alfabetizar e do letrar. Materiais diferenciados, que saem um pouco do livro e da lousa, atraem os alunos e despertam neles um interesse no apreender. Tornar as aulas menos cansativas é um ponto importante para ter bons resultados. É necessário enfatizar que não adianta ter boas práticas pedagógicas, é fundamental que os alunos estejam adquirindo o conhecimento adequado.

Para concluir nossa metodologia, perguntamos às professoras alfabetizadoras: De que maneira você trabalha para que as crianças passem a escrever de maneira convencional?

A primeira professora entrevistada, como em todas as suas respostas, apresenta seu método de modo conciso, ela fala: *“Com atividade escrita, utilizando a caligrafia.”*. Esse é o método tradicional que geralmente é utilizado por professores para trabalhar a escrita. A segunda professora levantou a discussão sobre letra cursiva e letra bastão. Na sua fala ela mostra que a letra bastão é mais adequada para que as crianças possam visualizar e escrever, porém a docente não divulga as práticas que utiliza para desenvolver essa escrita com a letra bastão com as crianças. A terceira e última professora relata que a melhor forma de se aprender a ler e a escrever é lendo e escrevendo. Essas práticas são desenvolvidas a partir do hábito de praticá-las, quanto mais leitura e mais escritas forem trabalhadas com as crianças, mais elas vão se desenvolver.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso pensar numa prática educativa que leve em consideração a formação completa do aluno. Deve-se ressaltar que a leitura e a escrita são fundamentais no decorrer da vida dos discentes. Nessa perspectiva, podemos perceber que a base para um desenvolvimento escolar eficaz é o período de alfabetização. Quando existe uma união no processo de alfabetizar e letrar, o ensino das práticas básicas é trabalhado no aluno de forma completa.

De acordo com os artigos lidos, entendemos que alfabetização é a base elementar para desenvolver na criança a capacidade de se socializar com os demais através da prática da leitura e escrita e que o letramento consiste na leitura do mundo, na interpretação daquilo que ler, que ouve e que ver. Por outro lado, o letramento também antecede a escrita. Interpretar uma imagem ou um texto oral também é uma atitude de alguém letrado.

As professoras 1 e 3 parecem conhecer a diferenciação nessas duas concepções e interligá-las em suas aulas. Entretanto, a segunda docente parece ser confusa perante o

aspecto do letramento e ter uma ausência de embasamento teórico. Enquanto a professora 1 responde de maneira concisa, porém de acordo com os conceitos de alfabetização e letramento, as professoras 2 e 3 respondem baseadas mais em suas experiências de trabalho do que em teóricos estudados em sua formação.

Contudo, verificando as três professoras alfabetizadoras, concluímos que uma formação rica em embasamentos teóricos é de importância para a prática pedagógica, mas uma experiência de trabalho também pode oferecer grandes aprendizagens a partir do pressuposto de que a prática nem sempre condiz com a teoria e, esta, pode nos ensinar a nos guiarmos dentro da sala de aula. A entrevista realizada e a leitura dos artigos nos ajudaram a identificarmos a concepção de alfabetização que consiste em ensinar o código, a ler e escrever; e, o letramento, outra concepção de ensino, nos fez entender que alfabetizar não é tudo e, portanto, deve-se haver a leitura do mundo, além de uma maior interpretação sobre aquela escrita e leitura que foi aprendida na alfabetização. Portanto, esse artigo nos foi de grande contribuição para nossa continuação na vida acadêmica quanto na nossa atual e futura vida profissional. Além disso, acreditamos que esse artigo contribuirá para que os leitores entendam um pouco mais a perspectiva da alfabetização e do letramento e vejam o quanto eficaz é trabalhar com as duas juntas. Sabemos que esse trabalho não se encerra aqui, é fundamental aprofundá-lo em outras oportunidades. Uma sugestão para aprofundamento poderia ser uma pesquisa etnográfica a respeito da temática, visto que a aproximação com o contexto estudado e com os sujeitos envolvidos na prática do ensinar e aprender é fundamental para entendermos como decorre a prática pedagógica de docentes tanto para a alfabetização quanto para o letramento.

4. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliane B. C. de. Conceituando alfabetização e letramento. *In* BRASIL, Ministério da Educação. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARAÚJO.J.B e BRITO.A.E. **Prática Pedagógica Alfabetizadora: discutindo concepções de alfabetização**. Piauí, s/d.

FERNANDES, C.L; RODRIGUES, D.B; SILVA, E.A.S; SOUZA, F.D.C; PEREIRA, D.R. **Alfabetização hoje: teorias, concepções vigentes e práticas docentes dos professores alfabetizadores**. São Paulo, outubro, 2011.

LÜDKE, M., ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2012.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: por onde anda o letramento? *In* BRASIL, Ministério da Educação. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. **Concepções e Metodologias de Alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?**. UFPE, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTOS, C.F; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte, 2007.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013. VAZ, P.N.S; MORAIS, M.R; RODRIGUES, F.. **Concepções de alfabetização, leitura e escrita**. São Paulo, janeiro, 2008.